

RESENHA

LOÏC WACQUANT. **As duas faces do Gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

Christiane Pimentel e Silva

Universidade Federal do Pará (UFPA)

AS DUAS FACES DO GUETO

Loïc Wacquant é sociólogo, pesquisador, professor da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e pesquisador do Centro de Sociologia Européia em Paris. No Brasil já foram editadas duas de suas obras: *As prisões da miséria* e *Punir os Pobres – A nova gestão da miséria nos EUA*.

O Livro *As duas faces do gueto*, lançado em 2008, é composto de artigos, palestras, aulas e ensaios dispostos ao longo de nove capítulos, sendo resultado de pesquisas, realizadas durante uma década, voltadas à marginalidade urbana nas sociedades avançadas do ocidente capitalista.

O autor aborda o desvio da estratégia governamental em direção à pobreza, sob a ótica da pesquisa comparada entre conjuntos habitacionais da periferia urbana da França, que são conhecidos por *cités*, e os guetos nos Estados Unidos.

A pesquisa busca construir um conceito analítico para o termo “gueto” especificando sua forma social e suas características constitutivas, pois, de acordo com Wacquant, freqüentemente o termo é utilizado a partir de um conceito descritivo: ora se referindo a um setor urbano restrito, ora a uma rede de instituições ligadas a um grupo específico, ora a uma constelação cultural e cognitiva que implica tanto o isolamento sociomoral de uma categoria estigmatizada quanto à “amputação sistemática” do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes.

Para melhor compreender a distinção entre pobreza, segregação e aglomeração étnica, o autor expõe:

- a) A pobreza é uma característica freqüente, porém derivada e variável dos guetos, pois o fato de um gueto ser pobre ou não depende de fatores exógenos como a demografia, a ecologia, as políticas públicas do Estado e o desempenho da economia circundante;
- b) Se todos os guetos são segregados, nem todas as áreas segregadas são guetos, isso porque a segregação residencial é uma condição necessária, mas não suficiente, para

a guetonização em que o confinamento espacial é imposto e abrange, de certa maneira, todos os campos da existência sobrepondo-se a ele uma série distintiva de instituições duplicativas que permitem ao grupo isolado a perpetuação dentro dos limites do perímetro que lhe foi estabelecido;

- c) Guetos e bairros étnicos têm estruturas divergentes e funções opostas na medida em que o gueto é um local de isolamento material e simbólico enquanto que o bairro étnico serve para assimilação por meio do aprendizado cultural e da mobilidade sócio-espacial.

Para Wacquant, o gueto acentua a fronteira entre a categoria pária e a população circundante aprofundando o fosso sócio-cultural que as separa: torna seus habitantes objetiva e subjetivamente mais dessemelhantes dos outros residentes urbanos ao submetê-los a condições e condicionamentos únicos.

Outro tema recorrente na obra é a passagem do Estado de Providência para o que o autor denomina de Estado Penitência. Para ele, o programa social subsidiado pelo modo de produção fordista-keynesiano foi esfacelado após a inserção da produção flexível, em meados da década de 1970, resultando na remoção do Estado econômico, desmantelamento do Estado Social e fortalecimento do Estado penal. A regulação estatal (incipiente) dos distúrbios urbanos e da pobreza foi substituída por um gerenciamento punitivo por meio da polícia, da justiça e do sistema correcional.

A nova segregação combina a “mão invisível do mercado” e o “punho de ferro do Estado”, contando com o sistema penal para realizar, por um lado, o disciplinamento do mercado de trabalho desqualificado e desregulamentado e, por outro lado, como um instrumento de administração da insegurança social. Isso porque o Estado passou a depender cada vez mais da polícia e das instituições penais para conter a desordem produzida pelo

Recebido em 20.09.2008. Aprovado em 27.10.2008.

desemprego em massa, a imposição do trabalho precário e o encolhimento da proteção social.

A substituição do tratamento da pobreza via bem-estar social pelo tratamento penal pode ser observada, de acordo com Wacquant, a partir de uma pluralidade de funções, das quais o autor destaca: 1) encarceramento de segurança, que visa a impedir indivíduos considerados perigosos de causarem danos; 2) encarceramento de diferenciação, destinado a excluir categorias sociais consideradas indesejáveis e 3) encarceramento de autoridade, cujo propósito é, principalmente, reafirmar as prerrogativas e os poderes do Estado. A exemplo, podemos citar, respectivamente, os pedófilos, imigrantes ilegais e baderneiros que atuam em manifestações.

O encarceramento, além de atingir os estratos mais destituídos da classe operária como o desempregado, o precariamente empregado e o imigrante recente, é, em si, uma poderosa máquina de empobrecimento não apenas para os detentos, mas para suas famílias e vizinhanças. O superencarceramento vivenciado contemporaneamente é resultado da fragilidade e redução dos direitos sociais e econômicos. Além disso, com a retirada da rede de proteção social e ascensão do Estado penal, aumentou a população carcerária com o “tratamento” dos toxicômanos, psicopatas e sem-teto substituindo o tratamento médico, anteriormente realizado pelo serviço de saúde pública, pelo tratamento pena e diligente e drástico.

A “desinstitucionalização” do setor médico traduziu-se em reinstitucionalização no setor penal e, segundo a pesquisa realizada por Wacquant, psicopatas e toxicômanos das classes populares não possuem acesso ao tratamento psiquiátrico e, por isso, transitam pela condição de sem-teto e são presos normalmente por “perturbações da ordem pública”, na verdade apenas uma das formas de manifestação de seus problemas mentais ou pela dependência química. Um dos casos relatados pelo autor, que expõe a gravidade do descaso com a saúde mental pública nos Estados Unidos, refere-se ao estado do Texas, sendo comum os assistentes sociais recomendarem às famílias sem cobertura médica privada que utilizem o sistema carcerário para que o beneficiário possa receber as terapias necessárias.

Durante o inverno as cadeias aumentam suas populações por meio do que os policiais denominam de *mecy bookings*², que são prisões dos sem-teto por perturbação da ordem pública, vagabundagem ou mendicância; senão, de outra forma, morreriam de frio.

Wacquant analisa que o encarceramento não é destinado a todos os cidadãos americanos e, sim, aos “inúteis” e aos miseráveis, ou seja, todos aqueles insubordinados e subproletariados (em sua maioria negros) desta nova ordem econômica e étnica, principalmente agravada após a crise do gueto e do Estado Social.

A decadência plural oriunda dos cortes nos investimentos públicos ainda possui outra face observada por Wacquant: a invasão do setor privado

nos sistemas penitenciários por: 1) inovações tecnológicas capazes de confinar e vigiar mais detentos com menor número de funcionários; 2) transferir custos do encarceramento para os detentos e suas famílias cobrando as contas referentes ao seu alojamento, alimentação, saúde, telefonemas, etc. e 3) reintroduzir trabalho não-qualificado em massa nas dependências dos presídios a serviço de grandes corporações como a *Microsoft*, *TWA*, *Boeing* e *Toys R Us* que se utilizam desses trabalhadores por meio da subcontratação.

O *National Center for Policy Analysis* publicou em 1998 um relatório divulgando que 60% do pagamento dos detentos é revestido ao Estado (para compensar os contribuintes). Quanto às empresas, cotadas a partir da bolsa de valores, tiveram taxas recordes de crescimento e lucro. Para se ter dimensão da complexidade da indústria penal, o autor refere que as prisões do estado da Califórnia chegam a empregar duas vezes mais trabalhadores que a própria *Microsoft* em seu quadro funcional fixo.

O livro *As duas faces do gueto* destaca a importância da análise sobre o estudo das novas configurações na relação Estado-mercado-sociedade num quadro em que cada vez mais são reduzidas as despesas públicas destinadas à manutenção social, educativa, trabalhista e sanitária e ao mesmo tempo a pobreza é criminalizada de forma a apoiar o novo mundo do trabalho precário e mal remunerado. Em sua pesquisa Wacquant recusa a aparente condição dicotômica entre indivíduo e sociedade revelando que não há separação entre causas sociais e condutas individuais.

Christiane Pimentel e Silva

Assistente Social, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (PPGSS/UFGPA).
E-mail: lilacbrik@yahoo.com.br

Universidade Federal do Pará - UFPA

Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá - Belém - Pará
CEP: 66075-110